

# O que faz fracassar uma formação?

Luiz Meyer

*Percurso* solicitou a um analista kleiniano que comentasse, do seu ponto de vista, as observações da carta de Winnicott. Meyer disseca o texto e, no final, propõe uma interpretação kleiniana para a distorção ali assinalada.

*"I promise nothing complete; because any human thing supposed to be complete, must for that very reason infallibly be faulty."*  
H. Melville, "Moby Dick"

**A** editoria da Revista *Percurso*, ao nos perguntar "O que faz fracassar uma formação", inclui anexa à questão cópia de uma carta contundente que Winnicott enviou a Melanie Klein em novembro de 1952. O documento é de tal modo auto-explicativo, nele o manifesto confunde-se de tal modo com o latente, que as palavras literais de Winnicott poderiam ser tomadas como resposta à pergunta feita, o que encerraria aí o problema.<sup>1</sup>

Entretanto, se nos dispusermos a rastrear em seu conteúdo as concepções psicanalíticas especificamente winnicottianas nas quais fundamenta a crítica que dirige a Melanie Klein, será possível encará-la como *subsídio* para se pensar a questão.

Para tanto, vamos comentar alguns trechos da carta e em seguida procurar articulá-los entre si e com o *corpus* teórico de Winnicott.

Ele começa dizendo a Melanie Klein: "quero colocar em minhas próprias palavras algo que se desenvolve a

partir de minha própria evolução e da minha experiência analítica. Isto é irritante porque suponho que todo mundo quer fazer a mesma coisa, e numa sociedade científica um de nossos objetivos é o de encontrar uma linguagem comum. Esta linguagem, porém, deve ser mantida viva, já que não há nada pior que uma linguagem morta".

A questão inicial é pois a da linguagem canônica, cujas exigências de cientificidade e de eficiência comunicativa tendem a aprisionar os analistas, que acabam dela se tornando servidores submissos. Questionamento e invenção são abandonados em nome da necessidade de uma "linguagem comum" equiparada a uma linguagem morta. Winnicott afirma que é pessoalmente "tolerado na sociedade porque tenho idéias, embora meu método seja irritante". Na verdade, é a irritação entendi-

Luiz Meyer é psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

da como atrito contra o estabelecido que é apresentada como método criativo.

Ele enfatiza que há uma distinção a ser feita: “Pessoalmente acho que é importante que seu trabalho seja reafirmado por pessoas que façam descobertas à sua própria maneira, e que apresentem o que descobrem na sua própria linguagem. É apenas deste modo que a linguagem será mantida viva”. O que está em questão não é apenas o uso de clichês *entre analistas de um mesmo grupo*, que ele satiriza nas linhas que se seguem (“você

É no nível clínico que este método causa seu maior estrago. Winnicott menciona o trabalho do analista C, de tal modo preso a uma linguagem estereotipada, de cunho kleiniano, que não consegue ter ouvidos para apreciar “os processos pessoais do paciente”. A relação analítica é usada para confirmar a identidade teórica do analista (e do grupo ao qual pertence), e não para que ele desenvolva *sua própria* forma de expressão a partir de suas capacidades ou incapacidades latentes. O modelo do bulbo que deve ser *capacitado a tornar-se nar-*

defesa da posição conquistada pelo trabalhador original, neste caso você mesma”.

Percebe-se que, para Winnicott, o sistema desenvolvido pelo círculo é uma organização defensiva, portanto sintomática, destinada a manter “a posição conquistada pelo trabalhador original”. Um sistema desse gênero, pela sua própria estrutura, tem a finalidade de demonstrar a universalidade e a completude das idéias do autor, qualidades que garantiriam “a posição conquistada”. Estabelece-se uma vinculação entre o poder político e o poder esclarecedor do pensamento, vinculação que confunde o objeto com o seu continente, a pessoa do analista com a relação analítica e a transferência com o sujeito que a encarna.

Isto é distinguido por Winnicott das condições necessárias ao pensador para dar prosseguimento ao seu trabalho: um círculo receptivo, acolhedor, não querelante. Ao escrever que para elaborar suas descobertas um autor deve se manter “ao abrigo das controvérsias”, Winnicott admite que ele necessita de um clima de recolhimento que o proteja, e ao seu pensar, de contestações e polêmicas *prematuras* que terminariam por coartar essa criação nascente: precisa de um *setting* para a criatividade. Nesse contexto, parece-me que o movimento para redescobrir e reformular se constitui no elemento central desse parágrafo (“suas idéias só viverão na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais”). É que “redescobrir” e “reformular” têm aqui o sentido de problematizar e refletir, de irritar e atritar, impedindo que a teoria (e a prática a ela vinculada) se torne uma doutrina acabada. O que se pretende é evitar que o bulbo se transforme *mecanicamente* numa flor previsível, é abrir caminho para que se atualizem possíveis virtualidades; “redescobrir” e “reformular” permite que se encare o bulbo não como “maque-

**W**innicott critica o uso reducionista da linguagem, que retira a especificidade do novo e não suporta a diferença.

ficaria surpresa com os gemidos e suspiros que acompanham todas as reafirmações dos clichês ...”). Aqui Winnicott aponta basicamente para o uso reducionista da linguagem, erigido em método e instrumento nivelador que retira a especificidade do novo, que não suporta a diferença. Este é o método que foi aplicado por Paula Heimann (mencionada nos parágrafos finais da carta), na apresentação do trabalho de Rowley e ao uso da palavra *conluio*, transformando ambos em produções desvitalizadas ao estipular que apenas *uma* (de Melanie Klein) “linguagem seja usada para afirmação das descobertas de outras pessoas”.

ciso é, como veremos, particularmente emblemático do pensamento winnicottiano.<sup>2</sup>

Winnicott prossegue diagnosticando mais graficamente o que vê como desvio do método: “Suas idéias só viverão na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais, dentro e fora do movimento analítico. É claro que é necessário para você ter um grupo no qual possa se sentir em casa. Todo trabalhador original precisa de um círculo seletivo, onde possa estar ao abrigo de controvérsias e no qual possa se sentir à vontade. O problema porém é que o círculo desenvolve um sistema baseado na

te" da flor, mas como possibilidade e disposição para flor. A inelutável identificação com um autor, com sua teoria, com seu grupo, é um meio e não um fim.

Em consonância com a ênfase na necessidade de redescobrir e reformular o pensamento original, Winnicott descreve sua concepção da dinâmica que deve estar presente na forma produtiva de trabalho analítico: "A compreensão adicional, tal como a que você foi capaz de provocar através do seu trabalho, não nos leva a um estreitamento do campo de investigação; como você sabe, qualquer avanço no trabalho científico conquista um ponto de chegada numa nova plataforma, a partir da qual se pode sentir uma porção ainda maior do desconhecido". Um avanço nos conduz pois a uma nova plataforma, a partir da qual nossa percepção se amplia porque abre o campo visual para o desconhecido. Não ocorre necessariamente a correção de uma visão até então distorcida, mas sim a possibilidade de contacto com áreas psíquicas que não eram passíveis de serem atingidas a partir do nível anterior: sobe-se de patamar.

Winnicott chama a atenção para um dos obstáculos que este avanço enfrenta: "... qualquer um que tenha uma idéia é bem-vindo, e creio que seremos capazes de tolerar uma declaração inicial feita em termos pessoais. A declaração inicial é geralmente feita a grande custo e, durante certo tempo após ter sido feita, o homem ou a mulher que fez esse trabalho encontra-se num estado sensível, já que está pessoalmente envolvido". Fica claro que a "declaração inicial" é fruto do envolvimento pessoal do sujeito (com a idéia e consigo mesmo), o que tem como consequência deixar a pessoa "num estado sensível". (O esforço aqui descrito para formular-se a declaração inicial se sobrepõe à imagem da caminhada em direção a um novo patamar ou à sua procura). Um sistema doutrinário entre-

tanto opera corroborando apenas suas próprias afirmações e premissas, e portanto não mobilizando novos pontos de vista. Ele se vale da fragilidade do sujeito - "do estado sensível" transferencial - e o seduz, oferecendo-lhe uma via segura, estabelecida, que o desvia da possibilidade de empreender um percurso original. Essa diferenciação entre risco de caminhada para alcançar um patamar e oferta de via conhecida é recolocada com clareza quando, contrariando a afirmação de Melanie Klein, Winnicott afirma

ta se priva da sua liberdade de pensar e transmuta-se num entusiasta de doutrina, fazendo de sua atividade uma mera defesa e afirmação dos cânones que esposa e não da função analítica da qual é depositário. O fracasso se dá num contexto onde não cabe nenhuma "declaração inicial feita em termos pessoais". Para manter esse clima emprega-se uma estratégia variada: Winnicott já havia, como exemplo da mesma, mencionado a restrição de linguagem - sob pretexto de cientificidade - e cita agora um gê-

A identificação com um autor, com sua teoria, com seu grupo, é um meio e não um fim.

que D seria capaz de fazer uma boa análise. Isto se compreende porque para Winnicott a análise não seria avaliada pelas "coisas erradas"<sup>3</sup> feitas por D nem por suas omissões, mas pela oportunidade que este analista D daria ao seu paciente E "de ser criativo no enquadramento regular e ...[de ser] capaz de se desenvolver de um modo que não lhe seria possível sem análise".

Este parece ser pois o ponto central da argumentação de Winnicott: uma análise (e implicitamente a formação e a transmissão) fracassa quando "o paciente não tem liberdade para se desenvolver ou criar na análise", isto é, quando o analis-

nero específico de isolamento ("você tende a perder contato com outros que estão fazendo um bom trabalho, mas que por acaso não caíram sob sua influência"). Não se trata desta vez do isolamento necessário a "todo trabalhador original" que "precisa de um círculo seletivo ... no qual possa se sentir a vontade". É o isolamento apoiado no anátema lançado contra os que, não se deixando *moldar* pela doutrina do autor, tentam pensar *a partir* dela: portanto um isolamento de caráter paranóico.

A carta termina com um comentário banalizante seguido de um desabafo pessoal. O primeiro

alude à inevitabilidade do surgimento de um "ismo" "sempre que houver um pensador realmente grande e original". Ele trata esse "ismo" como um mal necessário sem especular sobre suas raízes e, no caso presente, sem propor uma indagação a respeito do surgimento do "ismo" específico da psicanálise.

Já quando fala de si mesmo ("a questão que estou discutindo toca bem na raiz de minha dificuldade pessoal, de modo que o que você

espremido entre um analista passivo e outro autoritário, Winnicott teve que desenvolver o seu modo específico de elaborar a dificuldade "inerente ao contacto humano com a realidade externa" (e interna).

Acredito que uma brevíssima menção a alguns pontos deste modo específico por ele elaborado poderá nos ajudar a identificar os elementos psicanalíticos em que se baseia para criticar Melanie Klein. Com isto, também o "ismo" psicana-

suficientemente boa".

O corolário natural dessa noção de disponibilidade é seu famoso aforisma "*there is not such a thing as a baby*", isto é, o bebê não existe "em si" mas apenas como parte de uma relação. A mãe suficientemente boa é justamente aquela que está disponível na justa medida: uma medida que permite ao bebê desenvolver a capacidade de poder sentir-se só.

O cerne pois da ação da mãe é *dar sentido* ao que Winnicott chama de onipotência da criança, não de se contrapor a essa onipotência ou de substituí-la por um gesto próprio.

A criança teria capacidade de "criar o objeto", de imaginar que há algo com o qual sua fome pode ser satisfeita. Quando a mãe oferece o seio, "oferece um ponto de coincidência que leva a criança a pensar que é ela que criou esse objeto". O peito é inicialmente alucinado como algo que tem que existir para seu impulso, e, ao receber o seio como objeto real, a alucinação se transforma em ilusão (distorção da percepção). A mãe tira aos poucos a ilusão do bebê, mostrando que o seio tem autonomia.<sup>4</sup>

Depreende-se pois desta teorização que Winnicott propõe que uma função essencial do analista seja facilitar e/ou, criar condições para que o paciente encontre seu objeto, isto é, reconheça as características do mesmo e as da relação que com ele estabelece.

A extrema visibilidade do analista em seu trabalho funciona como intrusão, impedindo que o paciente se exprima através de movimentos espontâneos que lhe dariam o senso de produção de sua identidade. Winnicott enfatiza que é fundamental que a análise dê ao paciente o sentimento de que ela é sua criação, *balizada* pelo analista. É esta experiência que desenvolve a crença na existência de um mundo objetal provedor.

Se examinarmos agora a carta tendo em mente o conceito de "mãe suficientemente boa", poderemos

"Originalidade" ou "linguagem canônica" refere-se à atitude continente da mãe, que não deve impor uma linguagem-modelo à criança.

vê sempre pode ser posto de lado como doença de Winnicott"), parece estar mencionando tanto o *imbroglia* transferencial no qual se sentira envolvido, quanto a saída que encontrou para elaborá-lo ("minha doença é algo com que posso lidar a meu modo..."). Chamo a atenção para isto, porque Winnicott foi analisado por J.Strachey e por Joan Riviere, ambos mencionados na carta, sendo a última aí abertamente criticada por ter fracassado em determinado ponto de sua análise ("...[foi] exatamente neste ponto que a análise dela fracassou comigo"). Strachey é descrito como "muito polido" e "muito preguiçoso", imagens que remetem à omissão. Riviere é apresentada, pela via de sua "frase infeliz" (para o prefácio de um conjunto de artigos de Melanie Klein e de outros kleinianos), como onipotente e, conseqüentemente, como intrusiva. Assim,

lítico, se não perde seu caráter inelutável, pode ganhar ao menos uma compreensão dinâmica.

## 2.

A mente surge para Winnicott como compensação diante da deficiência dos cuidados maternos. Esta deve ser entretanto uma deficiência dosada, *feita de não-interferência e de disponibilidade para o impulso ao crescimento do bebê*.

No modelo de Winnicott, a mãe deve estar presente, mas sem fazer demandas; é uma disponibilidade caracterizada por uma presença que permite ao bebê explorar suas relações com o meio. A identidade materna deve se construir a partir da capacidade de estar disponível, prescindindo de toda interferência que impeça ao bebê esta exploração. É o que ele chama de "mãe

perceber como ele instrumenta Winnicott em suas críticas a Melanie Klein. A questão dos enunciados originais e da linguagem canônica se refere à atitude continente da mãe que não deve *impor* uma linguagem-modelo à criança. Pelo contrário, deve deixar-se irritar pela criança (que empregaria “um método irritante”, semelhante ao de Winnicott), deixar que esta se atrite contra sua linguagem. As expressões e sugestões de Winnicott usadas na carta, como por exemplo “de que o novo seja reafirmado em seus próprios termos”, de que o trabalho que apresentara na Sociedade era “um gesto criativo”, de que “as pessoas façam descobertas à sua própria maneira e que apresentem o que descobrem em sua própria linguagem”, remetem à idéia da “declaração inicial feita em termos pessoais”, que necessita de uma mãe-analista que *vá ao encontro* do paciente-criança e não *de encontro* a ele. O oposto dessa atitude é aquela que estipula “que apenas uma linguagem [a da mãe-analista-Melanie Klein] seja usada para afirmação das descobertas de outras pessoas”, caso ilustrado pela atitude do analista C que não possuía “uma apreciação dos processos pessoais do paciente”.

Tal como para as idéias do bebê, as de Melanie Klein só serão “redescobertas e reformuladas” se houver um meio ambiente (um *environment*, uma mãe suficientemente boa) que as coloque “ao abrigo das controvérsias” e no qual “possa se sentir a vontade”, isto é, um meio que não aponha posições e contestações prematuras que não podem ainda ser enfrentadas.

A metáfora da “nova plataforma, a partir da qual se pode sentir uma porção ainda maior do desconhecido” espelha sua concepção de que a mãe-analista deve criar condições para que a criança-paciente encontre seu objeto, isto é, para que ela possa exercer sua percepção descobrindo um mundo (interno e

externo) povoado por objetos relacionáveis. Evidentemente se a mãe-analista “gemer e suspirar” a cada menção do objeto, se ela for uma dessas “entusiastas kleinianas”, a criança-paciente “não terá a liberdade para se desenvolver ou criar na análise”.

Uma das consequências da relação intrusiva da mãe é a construção pelo bebê daquilo que Winnicott chama de “falso self”. A criança desenvolve uma complacência para com as intervenções da mãe, aderindo a ela, tornando-se *como a mãe* e ocultando o seu self verdadeiro.

**N**a formação, são necessários a máxima liberdade e um analista que balize o processo: uma pele integradora.

Este gênero de desenvolvimento será também descrito mais tarde por uma analista de orientação kleiniana, Ester Bick<sup>5</sup>, sob o nome de identificação adesiva. Nesta situação, o objeto primário, seja por defeitos funcionais, seja por dificuldades no processo de introjeção, não pode ser usado na sua função continente e integradora, na sua “função de pele”, e o bebê, para se desenvolver, lançará mão da criação de uma segunda pele, que procurará preencher as funções que caberiam aos processos habituais de introjeção e projeção. O resultado é o que Ester Bick chama de personalidade de duas dimensões, onde a identidade se sustenta através da imitação, da mímica, das

qualidades *superficiais* do objeto, eludindo o aprendizado a ser feito através da experiência de projeção e de introjeção.

Quando em sua carta Winnicott descreve a existência de um sistema “baseado na defesa da posição conquistada pelo trabalhador original”, mostra que aí o alvo da identificação são as qualidades *externas* do objeto e não os seus aspectos intrínsecos, que o levaram a atingir tal posição. Para que a pessoa a ser “formada” não desenvolva um falso self é necessário não só que ela disponha da máxima liberdade e criatividade possíveis, mas também que o analista *balize* o processo, oferecendo-se como pele integradora, como um modelo coordenador, e não como um modelo de saber. Assim, para Winnicott, os seguidores de Melanie Klein, ao tentarem manter a *posição*, estariam visando garantir a capacidade de se tornarem analistas como ela, clones de sua prática. É por isso que cultivam o bulbo querendo transformá-lo *naquela* flor, já disposta como engrama na semente.

### 3.

Seria um grave erro - além de um risco perigoso - considerar Melanie Klein como ingênuo ou desprevenida. Na verdade é preciso pensar Winnicott a partir de Melanie Klein.

De maneira um pouco gráfica e simplificada, poderíamos dizer que a visão de Winnicott é especular à dela, já que o foco de Melanie Klein se dirige ao “good enough baby”. Se a fenomenologia narcísica - o falso self - por exemplo, é pensada por Winnicott basicamente a partir de falhas da função materna, Melanie Klein a descreve ligada à necessidade do bebê de se confiar a estas funções. Caso contrário, como escreve Meltzer<sup>6</sup>, ele deve assumi-las sozinho. Segundo Melanie Klein, a fenomenologia narcísica

emerge “dos relacionamentos das partes das personalidades da criança uma com a outra na realidade psíquica, na medida em que elas estão em competição ou oposição (“defiance”) com os objetos internos, com as figuras parentais...”<sup>7</sup>. Meltzer classifica esse modelo como teológico, acentuando que as figuras parentais são vistas como deuses, não porque se creia nelas mas, porque elas desempenham *funções* de caráter divino. Evidentemente Winnicott não está discutindo na carta diferenças conceituais a respeito da compreensão das relações primitivas de objeto e de seus desdobramentos na apreensão do desenvolvimento psíquico da criança e na estruturação da relação analítica. O que ele critica é o surgimento de um gênero de perversão: os objetos estão deixando de ter *funções* divinas, nas quais se *precisa* confiar e se apresentam como verdadeiros deuses que devem ser seguidos, como objetos de culto.

Portanto, as próprias teorias desenvolvidas por Melanie Klein permitem compreender como essa distorção, essa transformação em “ismo”, pode ocorrer. Em 1946, Melanie Klein, descreve os mecanismos de ex-cisão e identificação projetiva, isto é, mecanismos que expõem “as maneiras como a mente destroi sua própria unidade primitiva”<sup>8</sup>. Esses mecanismos implicam que uma pessoa “vive vidas múltiplas em maior ou menor harmonia uma com a outra”<sup>9</sup>. Winnicott, ao elogiar por um lado Melanie Klein dizendo que “do fundo do coração... você é a melhor analista, assim como a mais criativa do movimento analítico”, e ao criticar acerbamente a transformação das teorias kleinianas em uma *Weltanschauung* e em uma forma de coerção ligada à política de poder psicanalítico, está apontando para uma ex-cisão que cria dois mundos disarmônicos que se exprimem através de linguagens diferentes, geradoras de paradoxos. Assim,

em sua carta o que Winnicott está realmente propondo (“você é a única que pode destruir...[o] kleinianismo, e tudo com um objetivo construtivo”) é a destruição *do splitting* que ensejou o surgimento do “klein-ismo”. Sua sugestão é que Melanie Klein adote *na transmissão de suas teorias, no seu trabalho de formação*, uma postura ancorada na posição depressiva, em oposição à esquizo-paranóide que estaria vigindo. Winnicott urge Melanie Klein a confiar em seus próprios deuses, nos seus próprios valores.

Afinal, qual a questão que a carta de Winnicott levanta? Por que

O que Winnicott propõe é a destruição do *splitting* que ensejou o surgimento do “klein-ismo”.

nos atinge tanto o fracasso da formação? Qual o elemento que ele deseja problematizar, já que, como escrevemos, seu alvo não é a teoria kleiniana como tal?

O fracasso da formação só se torna contundente na medida em que representa, não uma mera traição, mas a *traição negada* dos princípios que deviam regê-la. O fracasso não se prende aos erros do analista, nem sequer à sua “neurose”. Ele reside na alienação do analista quando a sua prática nega o

que seu discurso afirma (...e vice-versa). O que espanta o observador é a situação paradoxal criada por uma enunciação onde os princípios veiculados pelo discurso são pervertidos já na concomitância de sua formulação<sup>10</sup>. O que Winnicott faz na carta é apontar para a falha estrutural de toda formação analítica: sua contingência humana.

Poder-se-ia então perguntar por que não se abandona a idéia de formação. É que esta se vincula ao estatuto particular da psicanálise: não podendo ser encarada como ciência nem como arte, devemos considerá-la uma *prática* singular. Um aspecto dessa singularidade reside no fato de que a apreensão do significado da psicanálise só se realiza quando o sujeito tiver a experiência do objeto que deseja apreender, isto é, quando ele se tornar um elo na cadeia de transmissão, quando se tornar sujeito de transferência.

Questionada sobre sua precariedade, a formação nos responderá candidamente que não há por que qualificá-la, na medida em que é preciso tomá-la apenas como útil e necessária à continuidade da psicanálise.

## NOTAS

1. Resposta aliás de caráter emblemático, não restrita à corrente kleiniana.
2. Aqui há uma falha na tradução: o original em inglês fala em oferecer ao bulbo “good enough nurture”, que foi traduzido por “tratos satisfatórios”, eludindo assim a noção de “suficientemente bom”, conceito básico da teorização winnicotiana.
3. Winnicott lembra que mesmo “aqueles que conhecem profundamente o trabalho de Melanie Klein têm, não obstante seus fracassos, inclusive suicídios” (preferimos traduzir “failure”, no original, por *fracasso*, ao invés de “falha” como esta na presente tradução).
4. Etchegoyen sugere que essa função inicial dos cuidados maternos seria “isomórfica” com a função do analista. Cf. *Fundamentos da Técnica Analítica*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987, p. 114.
5. Bick, E. (1968) - “The Experience of Skin in Early Object Relations”, *Int. J. Psycho-Anal.* 49, p. 484-486.
6. “The Klein - Bion Expansion of Freud's Metapsychology”, in *Dream-Life*, Londres, Clunie Press, s.d.
7. Id. ib.
8. Id. ib.
9. Id. ib.
10. Que essa Gestalt depois se institucionalize é, para o que agora estamos abordando, secundário.